

munro pós-racial

Contributed by Jonral do Brasil On Line

Verdades e mitos sobre um mundo pós-racial

Especialistas contestam a idéia difundida por muitos de que a ascensão de Barack Obama teria decretado o fim do debate em torno das desigualdades decorrentes do racismo

Alexandre WerneckMarsília Gombata

Com a eleição de Barack Obama à Presidência dos Estados Unidos, uma palavrinha mágica começou a tomar conta de inúmeros discursos "esclarecidos": na era do pós-moderno, da pós-política e até mesmo do pós-humano, a chegada de um negro à Casa Branca lançou um nova expressão à moda: pós-racial. "Mundo pós-racial", para ser mais exato. Figuras de renome, como o bispo sul-africano Desmond Tutu, um dos símbolos da luta contra o apartheid, ou o jornalista Juan Williams, colunista do canal Fox News, começaram a usá-la – Tutu inclusive dizendo que uma era pós-racial teria "as características de um arco-íris". A idéia é que a ascensão de Obama sem que ele tenha tido que falar um segundo que fosse sobre raça teria decretado o fim do debate.

– Quem dera! – ri o ministro Edson Santos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

Ele, como outras personalidades e especialistas ouvidos pelo Jornal do Brasil, vêm com ressalvas a panacéia em que se converteu para alguns o novo termo:

– Acho um exagero dizer que a raça, do ponto de vista cultural, esteja superada. A eleição de Obama pode ter tido um valor simbólico grande e o termo pode carregar esse valor simbólico, mas, para além do símbolo, a desigualdade real, prática, existe e exige políticas de mobilidade social – ressalta Santos.

Para o sociólogo Muniz Sodré de Araújo Cabral, atual diretor da Biblioteca Nacional e interessado pelo tema há longa data, a idéia de mundo pós-racial não passa de um wishful thinking, uma ingênua e otimista visão de como gostaríamos que o mundo fosse e não como ele é.

– Por mais que já esteja mais do que provado que dos pontos de vista antropológico e biológico a idéia de raça não existe, dos pontos de vista etnográfico e político ela existe, porque as pessoas a usam em suas ações. O racismo é um mal-estar civilizatório e não se resolve como se pudéssemos dizer abracadabra e mudar da noite para o dia.

Campanha

Além da profunda descrença em relação ao conceito, um outro ponto parece unir os entrevistados: o fato de que a ausência de um posicionamento claro de Obama sobre a questão racial – claramente voltando a campanha para um grau de universalidade que lhe permitisse conquistar eleitores brancos – é um componente central da gênese do "pós-racial" e a construção do conceito parece querer fazer parecer que Obama tem uma história isolada.

– Embora ele não seja oriundo de um sistema de cotas, ele é resultado de um processo de ascensão negra que deve muito a elas – diz a socióloga brasileira Luciana de Barros Jaccoud, pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. – Tanto Collin Powell quanto Condoleezza Rice são oriundos de um sistema de cotas.

Luciana é uma das autoras do estudo As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição, lançado na quinta-feira pelo Ipea, organizado pelo economista Mário Theodoro, e feito por ela e os pesquisadores Rafael Guerreiro Osório Sergei Soares, todos do órgão. No trabalho, ela pesquisou políticas públicas de redução de desigualdades raciais, particularmente aquelas chamadas nos estudos sociológicos de "racismo institucional", que está contido na privação de acesso aos direitos universais.

Para a pesquisadora, que lembra que, segundo o IBGE, 50% da população brasileira se diz negra (ou parda) e que ela não aparece representada proporcionalmente nem no poder político – salvo em casos como do ministro Edson Santos, em uma pasta justamente voltada para a questão racial – nem nas elites, o efeito simbólico da difusão de uma idéia como a de "mundo pós-racial" pode, sim, ser negativo. Afinal, ela pode servir para sugerir que não faria mais sentido lutar contra a discriminação negativa ou, no mínimo, poderia fazer com que ela fosse desvalorizada pela opinião pública em nível mundial. Mas ela acha que, no plano local, no Brasil, será bem diferente:

– Aqui, se se começar a falar em mundo pós-racial, principalmente diante da ação de Obama como estadista, as distâncias raciais ficarão muito mais gritantes.

Americanos

Nos Estados Unidos, a confiança em uma pós-racialidade parece ser um forte recurso retórico de afirmação. O poeta americano Quincy Troupe, editor da revista literária *Black Renaissance Noir*, da New York University, que esteve no Brasil na semana retrasada, disse ao JB que a composição de uma consciência pós-racial faz parte da visão de muitos artistas negros, como ele:

— A questão racial é anacrônica. Vivi muito tempo sem ter a idéia de que sou um negro americano. Apenas quando passei uma temporada na França, e convivi com outros negros de origem africana, me dei conta de que sou um deles. Os negros americanos têm opiniões diferentes sobre sua negritude.

O debate se alongará — e muito — dentro do próprio país que elegeu o presidente negro recentemente. Mark Sawyer, diretor do Centro para estudos sobre Raça, Etnia e Política da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), lembra que conceitos como raça e racismo ainda se confundem.

— Questões de raça, racismo e debates sobre imigração são temas de complexidade gigantescas nos EUA e continuarão sendo. Mas a chegada de um presidente negro na Casa Branca talvez possa mudar mentes e corações em alguns casos relacionados — espera Sawyer. — Ou mesmo prover liderança moral no tema com um crescente foco da, quem sabe, Organização das Nações Unidas, sobre o racismo.

Antes de se falar em um mundo pós-racial, o especialista lembra que há raízes psicológicas profundas, que marcam "carregadamente" as instituições na sociedade.

— Os que ignoram esses simples fatos podem estar convencidos por completo da existência de um mundo pós-racial. Um medida ou um evento apenas não terminará com um século de velhos problemas. Obama, a si mesmo, continua a dizer que o racismo ainda é um problema e que desigualdades raciais e de outros tipos não podem ser ignoradas.

Talvez, aposta Sawyer, ele use sua nova posição na Presidência, para "falar de desigualdade com foco para erguer todos os membros da sociedade em tempos difíceis, em vez de culpar" agentes e a História. E, quem sabe, inspirar:

— Se os EUA podem eleger um presidente negro por que não podem países com sérias desigualdades sociais, como Brasil, França ou Inglaterra? — lança.

Domingo, 23 de Novembro de 2008 - 02:00

Limites, políticas e obstáculos à pós-racialidade

Mas o que, afinal, representa a chegada de Barack Obama à Presidência americana?

— Não tenho a mínima idéia — coloca às claras o antropólogo britânico Peter Fry, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. — Mas sou otimista. Espero que consiga avançar num projeto de des-racialização dos EUA, iniciar um período de diplomacia multilateral, introduzir reformas no sistema financeiro, e assegurar atendimento médico para todos.

Para Fry, quem diz acreditar que se vive um momento pós-racial quer acreditar que nos EUA, pelo menos, será possível a realização do sonho de Martin Luther King: que as pessoas sejam julgados pelo conteúdo do seu caráter apenas.

— Ainda assim, sabemos que há grande número de pessoas que continua querendo pensar o mundo em termos de identidades raciais, tanto brancos como negros — observa. — Eliminar a crença em raças levará tempo, mas os otimistas pensam que a eleição de Obama é um passo gigantesco nesta direção.

Ainda que a vitória de Obama avance a possibilidade de um mundo pós-racial, ele ainda não existe — e o debate não está terminado.

— Em seu discurso que proferiu para exorcizar a influência do referendo Jeremiah Wright, Obama não negou a existência de uma "questão racial". Pelo contrário, falou dos brancos pobres que se ressentem da ação afirmativa em favor dos afro-americanos. E reconheceu que a questão racial existe e é séria. Mas o importante é que Obama fala de construir pontes e não abismos: "não existe uma América liberal e outra América conservadora, há os Estados Unidos da América. Não há uma América negra e uma América branca e uma América latina e asiática, há os Estados Unidos da América";

Entrave

O grande obstáculo para o conceito de uma pós-racialidade se tornar realidade, avalia, são os Estados nacionais. Ao insistirem em enfrentar a discriminação e as desigualdades através de políticas que fortalecem as identidades raciais, as instituições estariam, sugere o antropólogo, eternizando essas identidades "na letra da lei":

– O problema surge quando o Estado se mete, introduzindo legislações que obrigam os cidadãos a se definir em termos raciais, como no caso das cotas por exemplo – lembra. – Desde 1978, a Corte Suprema dos EUA define cotas raciais como inconstitucionais. Aqui, o Congresso Nacional acabou de votar a favor de uma lei de cotas raciais que obriga todos os candidatos para vagas universitárias a se definirem como negros ou brancos. Eis um bom exemplo de como atrasar o caminho para a pós-racialidade.

O irônico, observa, é exatamente no Dia da Consciência Negra (20 de novembro) pesquisas indicarem que 62% de cariocas que se afirmam como negros ou pardos serem contra as cotas raciais, e apenas 31% se colocarem a favor.

Domingo, 23 de Novembro de 2008 - 02:00

Realidade contrasta com conceitos defendidos

Até mesmo entre os ativistas o furor decorrente da vitória cessou. No lugar, a cautela para analisar conceitos e possibilidades em torno de um suposto mundo pós-racial:

– O perigo agora é pensar que com a eleição de um afro-americano todo o país está mudando, e para melhor – alerta Eric Ward, diretor nacional do Centro por uma Nova Comunidade (Newcomm.org), em Chicago. – Obama é apenas um símbolo do que essa sociedade poderia ser, mas, definitivamente, não estamos num mundo pós-racial. Mesmo depois da eleição.

Basta, por exemplo, olhar para o Senado americano. Ali, adverte Ward, os afro-americanos ainda são sub-representados. O mesmo pode ser comprovado em estatísticas sobre o acesso ao sistema de saúde ou educação, penitenciárias, Justiça criminal ou emprego.

– ‘Somos os últimos a serem contratados e os primeiros a serem desempregados’ – repete um ditado a afro-americana Taneisha White, da Sociedade para Segurança e Justiça, engajada na reabilitação de ex-presidiários.

Lucilene Tira, do Centro dos Estados do Oeste, ligado a temas como meio ambiente, economia e justiça racial em Oregon, Washington, Idaho, Montana, Wyoming, Utah, Nevada e Alaska, lembra:

– Para cada US\$ 1 que um americano branco ganha, o afro-americano ganha US\$ 0,75. Anualmente, um casal branco tem um salário médio de US\$ 55 mil, enquanto um negro recebe US\$ 23 mil.

Ao reconhecer que a vitória de Obama é apenas o começo de um processo, Taneisha acredita que as ações do novo presidente não terão muito impacto, levando-se em conta os longos anos de desigualdade.

A ausência do tema no discurso de campanha, para Ward, tem relação com o mundo pelo qual se deve lutar para se superar as diferenças.

– Um debate sobre um mundo pós-racial é justamente aquele sobre o que todos querem: escola, educação, justiça, saúde. Essa é a sociedade que esperamos construir: preocupada em problemas comuns a todos. O racismo, aí, não é importante. Importam as conseqüências que ele traz.

Obstáculos

Uma das maiores dificuldades ao fim da desigualdade racial estaria dentro da própria comunidade negra. Para Ward, a crença de que se vive numa sociedade em que não há oportunidades iguais já sinaliza um bloqueio dessas.

– E quando há bloqueio, não há avanço – reforça.

A trajetória para uma nova sociedade, garante o ativista, começa como foco em educação – contra o racismo e para os afro-americanos – políticas para dar fim a oportunidades desiguais e apoio de parceiros internacionais.

– Precisaremos da ajuda de outros países como China, África do Sul e El Salvador. Chegamos a um ponto em que é preciso reorganizar os direitos civis, e estamos num momento distinto do que eram os anos 60.

Domingo, 23 de Novembro de 2008 - 02:00 - Jornal do Brasil On Line

